

**24 - 11 | 2025**

A ASCENSÃO DA CHINA NO SISTEMA INTERNACIONAL E SEUS IMPACTOS GEOPOLÍTICOS

The Rise of China in the International System and its Geopolitical Impacts

El Ascenso de China en el Sistema Internacional y Sus Impactos Geopolíticos

Paulo Américo Quive¹ | Simão José Charles Campira² | Esperança Natego Saíde³ | Alfredo Geraldo Aboobacar Sotomane⁴

¹Doutorando em Ciências Políticas e Relações Internacionais, Universidade Católica, Moçambique, 0009-0003-9869-9218, pauloquive7@gmail.com.

²Doutorando em Ciências Políticas e Relações Internacionais, Universidade Católica, Moçambique, 0009-0009-1245-5567, simaojosecampira@gmail.com.

³Doutoranda em Ciências Políticas e Relações Internacionais, Universidade Católica, Moçambique, 0009-0000-4341-7680, enatego@gmail.com.

⁴Doutorando em Ciências Políticas e Relações Internacionais, Universidade Católica, Moçambique, 0009-0004-0078-1510, f.sotomane@gmail.com

Autor para correspondência: pauloquive7@gmail.com ou 709210041@ucm.ac.mz

Data de recepção: 03-09-2025

Data de aceitação: 05-11-2025

Data da Publicação: 24-11-2025

Como citar este artigo: Quive, P. A.; Campira, S. J. C.; Saíde, E. N. e Sotomane, A. G. A. (2025). *A ascensão da China no sistema internacional e seus impactos geopolíticos*. ALBA – ISFIC Research and Science Journal, 1(9), pp. 363-377. <https://alba.ac.mz/index.php/alba/issue/view/12>

RESUMO

Este artigo estuda a emergência da China como potência global e os impactos dessa transformação sobre a ordem geopolítica internacional, examinando como essa nova configuração influencia o equilíbrio de poder e as relações com outras grandes potências. Desde as reformas econômicas de 1978, que implementaram o modelo de "socialismo com características chinesas", a China experimentou um crescimento acelerado, implementando políticas internacionais de controlo estatal e estratégias de expansão económica que se consolidaram como um actor de destaque no cenário global. A pesquisa busca identificar os principais factores que fomentaram esse avanço, analisar a diplomacia económica chinesa com ênfase na Iniciativa do Cinturão e Rota BRI e

explorar o impacto da presença chinesa em regiões estratégicas, como Ásia-Pacífico, África e América Latina. A metodologia adoptada foi qualitativa, baseada na análise documental de fontes secundárias, incluindo artigos académicos e relatórios de organizações internacionais, o que proporcionou uma compreensão aprofundada das estratégias chinesas e das respostas das potências ocidentais. Os resultados apontam que, embora a ascensão da China ofereça alternativas ao modelo de cooperação ocidental, ela também gera novas dependências económicas e suscita questões de segurança global, especialmente nas relações com os Estados Unidos. Conclui-se que a ascensão chinesa transforma o sistema internacional em uma ordem progressivamente multipolar, impondo às grandes potências desafios

estratégicos para equilibrar cooperação e contenção.

Palavras-chave: Ascensão global, China, geopolítica, Iniciativa do Cinturão e Rota, multipolaridade.

ABSTRACT

This study investigates the emergence of China as a global power and the impacts of this transformation on the international geopolitical order, examining how this new configuration influences the balance of power and relations with other great powers. Since the economic reforms of 1978, which implemented the model of "socialism with Chinese characteristics", China has experienced accelerated growth, implementing international policies of state control and strategies of economic expansion that have consolidated itself as a prominent player on the global stage. The research seeks to identify the main factors that fostered this advance, analyze Chinese economic diplomacy with emphasis on the Belt and Road Initiative (BRI), and explore the impact of Chinese presence in strategic regions, such as the Asia-Pacific, Africa and Latin America. The methodology adopted was qualitative, based on documentary analysis of secondary sources, including academic articles and reports from international organizations, which provided an in-depth understanding of Chinese strategies and the responses of Western powers. The results indicate that, although China's rise offers alternatives to the Western model of cooperation, it also generates new economic dependencies and raises global security issues, especially in relations with the United States. It is concluded that China's rise transforms the international system into a progressively multipolar order, imposing strategic challenges on the great powers to balance cooperation and containment.

Keywords: Global rise, China, geopolitics, Belt and Road Initiative, multipolarity

RESUMEN

Este artículo estudia el surgimiento de China como potencia global y los impactos de esta transformación en el orden geopolítico internacional, examinando cómo esta nueva configuración influye en el equilibrio de poder y las relaciones con otras grandes potencias. Desde las reformas económicas de 1978, que implementaron el modelo del "socialismo con características chinas", China ha experimentado un crecimiento acelerado, implementando políticas internacionales de control estatal y estrategias de expansión económica que la han consolidado como un actor destacado en el escenario global. La investigación busca identificar los principales factores que impulsaron este avance, analizar la diplomacia económica china, con énfasis en la Iniciativa de la Franja y la Ruta (BRI), y explorar el impacto de la presencia china en regiones estratégicas como Asia-Pacífico, África y América Latina. La metodología adoptada fue cualitativa, basada en el análisis documental de fuentes secundarias, incluyendo artículos académicos e informes de organizaciones internacionales, que proporcionaron una comprensión profunda de las estrategias chinas y las respuestas de las potencias occidentales. Los resultados indican que, si bien el ascenso de China ofrece alternativas al modelo occidental de cooperación, también genera nuevas dependencias económicas y plantea problemas de seguridad global, especialmente en las relaciones con Estados Unidos. Se concluye que el ascenso de China transforma el sistema internacional en un orden progresivamente multipolar, lo que impone desafíos estratégicos a las grandes potencias para equilibrar la cooperación y la contención.

Palabras clave: Ascenso global, China, geopolítica, Iniciativa del Cinturón y la Ruta, multipolaridad

Contribuição de autoria (por autor):

Paulo Américo Quive (1.º autor)

Funções principais: liderança conceitual, escrita e revisão (Concepção da ideia, Pesquisa e revisão de literatura, Preparação dos instrumentos,

Coordenação da autoria, Redacção do original: primeira versão e versão final do artigo, Correção final do artigo, Tradução do resumos em inglês

Simão José Charles Campira (2.º autor)

Funções complementares de apoio metodológico e redacção parcial: Pesquisa e revisão de literatura, Aplicação de instrumentos (análise documental), Compilação da informação, Análise qualitativa das fontes, Redacção parcial de secções teóricas, Sugestões sobre a construção argumentativa, Verificação cruzada de fontes.

Esperança Natego Saíde (3.ª autora)

Funções de apoio à sistematização e adaptação de linguagem (Apoio na tradução em espanhol e inglês, Adaptação terminológica, Apoio à organização da metodologia, Elaboração de partes do resumo e conclusão e Ajustes estilísticos e coesão textual

Alfredo Geraldo Aboobacar Sotomane (4.º autor) **Funções de apoio técnico e bibliográfico:** Pesquisa documental auxilia, Organização preliminar das referências, Preparação da base de dados bibliográfica, Verificação da conformidade com o template da revista.

INTRODUÇÃO

A ascensão da China como uma das principais potências globais no século XXI representa uma transformação profunda no sistema internacional, caracterizada pela contestação à hegemonia ocidental e pela introdução de novos paradigmas de cooperação e desenvolvimento. Desde as reformas económicas iniciadas por Deng Xiao ping em 1978, A China passou de uma economia fechada e centralmente planejada para se tornar uma das maiores economias de

mercado do mundo. Este crescimento extraordinário posicionou o país asiático como concorrente direto dos Estados Unidos em termos de influência geopolítica e militar, impulsionando uma reconfiguração nas alianças e nas dinâmicas de poder global. A expansão da influência chinesa tem-se manifestado, sobretudo, por meio de iniciativas como a Iniciativa do Cinturão e Rota Belt and Road Initiative, lançada em 2013, que procura ligar a Ásia, a África e a Europa através de um vasto programa de investimentos em infraestrutura. Tal abordagem reforçou não apenas a posição económica e diplomática da China, mas também consolidou sua influência em regiões estratégicas, suscitando reações de outras potências globais que percebem esta expansão como uma ameaça potencial à estabilidade da ordem internacional vigente. O presente estudo examina os impactos da ascensão da China sobre a ordem geopolítica internacional, enfatizando as consequências para o equilíbrio de poder global e as dinâmicas regionais. A investigação centrou-se na análise de que forma a ascensão chinesa remodela o sistema internacional e até que ponto outras potências têm respondido a esta influência crescente. O estudo procura identificar os fatores que contribuíram para a ascensão da China ao estatuto de potência global. Além disso, explora-se como a expansão chinesa tem afetado o equilíbrio de

poder em regiões estratégicas e analisa-se as respostas e adaptações de potências tradicionais, como os Estados Unidos e a União Europeia, perante a crescente presença global da China.

REFERENCIAL TEÓRICO E CONTRIBUTOS ACADÉMICOS SOBRE A ASCENSÃO DA CHINA

A ascensão da China no sistema internacional constitui uma das mudanças mais significativas na configuração da ordem mundial no século XXI. Esta transformação desafia diretamente as estruturas hegemônicas condicionantes e introduz novas dinâmicas na governança global. Os estudos existentes apontam que, ao desafiar a hegemonia ocidental e propor alternativas às instituições tradicionais, a China promove uma reconfiguração do equilíbrio de poder global e insere novas dinâmicas no sistema internacional.

Factores Internos da Ascensão da China

As reformas económicas iniciadas por Deng Xiaoping em 1978 são amplamente reconhecidas como o ponto de partida para o crescimento acelerado da China. Segundo Vogel (2011), essas reformas permitiram a criação de zonas económicas especiais e a abertura gradual da economia ao

investimento estrangeiro, criando um ambiente propício ao desenvolvimento industrial e tecnológico. Mearsheimer (2010) argumenta que a China implementou um modelo de crescimento que combina características de uma economia de mercado com um controle estatal robusto, resultando numa economia planificada, mas flexível, capaz de se adaptar à exigência do cenário internacional.

O Partido Comunista Chinês (PCC) desempenhou um papel central na condução destas políticas, adoptando uma estratégia de longo prazo que fortaleceu sectores estratégicos, como tecnologia, infra-estruturas e defesa. Para Huang (2008) e Lin (2012), o modelo misto de economia, designado como “socialismo com características chinesas”, garantiu estabilidade económica e sustentou um crescimento robusto ao longo de décadas. Adicionalmente, Peerenboom (2007) observa que este modelo oferece uma alternativa viável para países em desenvolvimento, para evitar a pressão por liberalização política imediata, característica do modelo ocidental. A abordagem pragmática chinesa permitiu ao país manter um controle rigoroso sobre políticas financeiras e fiscais, consolidando uma infra-estrutura industrial de elevada capacidade e assegurando uma taxa de crescimento sustentada.

Contudo, a dependência de um sistema centralizado apresenta desafios. Segundo Peerenboom (2007), o controle estatal excessivo pode limitar a inovação e a flexibilidade dos mercados, além de aumentar os riscos de corrupção e ineficiências. Assim, embora a ascensão da China apresente um modelo alternativo ao capitalismo ocidental, ela também pode enfrentar desafios internos que impactarão a sua sustentabilidade no longo prazo.

Expansão Internacional e Estratégias de Diplomacia Econômica

A diplomacia econômica tem sido uma característica central da política externa chinesa, com destaque para a Iniciativa do Cinturão e Rota (Belt and Road Initiative), lançada em 2013. Segundo Rolland (2017), esta constitui uma iniciativa de conectar a Ásia, a África e a Europa por meio de investimentos em infra-estruturas e comércio, consolidando a influência geopolítica da China e criando laços de dependência econômica entre os países envolvidos.

Alden e Large (2018) afirmam que, através de projetos de infra-estruturas financiados por bancos estatais chineses, a China fortaleceu a sua presença em regiões estratégicas e posicionou-se como um centro alternativo de poder global. Outra ferramenta relevante foi o Banco Asiático de Investimento em

Infraestruturas (AIIB), criado em 2014. De acordo com Chin (2016), o AIIB oferece uma alternativa às instituições financeiras tradicionais, como o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional (FMI), promovendo um modelo de desenvolvimento focado em infra-estruturas e menos condicionado a políticas de austeridade. Por outro lado, autores como Callahan (2016) analisam como a estratégia chinesa de “diplomacia da dívida” tem levantado preocupações, sobretudo em países com economias frágeis. Estas frequentemente enfrentam dificuldades para honrar os empréstimos, o que aumenta a dependência econômica em relação à China e amplia sua influência política.

Contudo, esta abordagem também é vista como uma alternativa atrativa para nações que desejam evitar as imposições políticas associadas ao financiamento ocidental. Callahan (2016) observa que esta estratégia fortalece o soft power da China, apresentando-a como uma parceira de respeito à soberania local e capaz de apoiar o desenvolvimento sem interferências externas.

Impactos Regionais da Ascensão Chinesa

A ascensão da China gerou impactos geopolíticos significativos em várias regiões. Na Ásia-Pacífico, a presença chinesa desafia a hegemonia dos Estados Unidos,

especialmente nas disputas territoriais no Mar do Sul da China. Segundo Mearsheimer (2010), a China adota uma estratégia de “ofensiva regional”, militarizando ilhas e aumentando sua presença marítima, o que gera tensão com países vizinhos, como Filipinas e Vietnã, e aumenta a competição com os EUA, que historicamente têm uma forte presença na região para garantir o livre trânsito marítimo e proteger seus aliados.

Na África, a China se consolidou como a maior parceira comercial e uma importante fonte de financiamento para projetos de infraestrutura. Brautigam (2011) observa que o modelo de cooperação da China com a África é distinto do ocidental, pois é baseado em investimentos e trocas comerciais em vez de ajuda condicionada. Alden (2007) argumenta que a presença chinesa na África oferece uma alternativa ao modelo de ajuda ocidental, permitindo que os governos africanos acessem recursos sem a necessidade de implementar reformas políticas liberais. Embora essa presença proporcione oportunidades de desenvolvimento, ela também gera críticas sobre uma possível nova forma de dependência econômica e sobre as implicações ambientais dos projetos de infraestrutura chinesa.

Na América Latina, a presença da China desafia a influência histórica dos Estados

Unidos na região. Gallagher e Porzecanski (2010) exploram como o investimento chinês em setores estratégicos, como energia e infraestrutura, transformou a relação econômica entre a China e a América Latina. Jenkins (2019) destaca que o envolvimento crescente da China na região gera um dilema para os governos locais, que precisam equilibrar a cooperação econômica com a China e a manutenção de relações políticas próximas com os EUA. Esse aumento da presença chinesa na América Latina, especialmente em países como Brasil, Argentina e Venezuela, representa uma transformação importante nas dinâmicas regionais e desafia a liderança norte-americana.

Reações das Potências Ocidentais: EUA e União Europeia

As potências ocidentais, especialmente os Estados Unidos e a União Europeia, têm reagido de diferentes formas à ascensão da China. Nos Estados Unidos, a estratégia de "Competição Estratégica", delineada na Estratégia de Segurança Nacional de 2017, combina contenção militar e econômica. Segundo Friedberg (2011), os EUA consideram a expansão da China uma ameaça direta ao seu status de superpotência e, por isso, têm investido em aumentar a presença militar no Indo-Pacífico e em restringir o

acesso chinês a tecnologias avançadas. Autoridades norte-americanas expressam preocupações com o papel da China não equipado de tecnologias de telecomunicações, como a Huawei, e nas práticas comerciais que desafiam a propriedade intelectual.

A União Europeia, embora menos confrontativa do que os EUA, também introduziu uma postura mais crítica em relação à China. Christensen e Maher (2017) discutem a posição da UE, que é marcada por uma cooperação econômica mista com medidas de contenção, especialmente em áreas sensíveis como segurança cibernética e direitos humanos. Segundo Borrell (2020), a UE enxerga a China como um parceiro econômico, mas também como um rival sistêmico em questões de governança e valores democráticos. Essa postura revela a complexidade das relações entre a UE e a China, onde interesses econômicos são equilibrados com preocupações de segurança e princípios éticos.

A literatura sugere que a resposta às potências ocidentais reflete um ajuste para um sistema multipolar, onde a China surge como uma alternativa ao modelo ocidental de ordem mundial. Kissinger (2011) observa que a influência crescente da China impulsiona uma nova forma de equilíbrio de poder, onde

os países devem lidar com a pressão de cooperação e contenção simultaneamente. Esse cenário de multipolaridade gera desafios para as potências tradicionais, que precisam redefinir suas estratégias para conter a expansão chinesa sem alienar parceiros econômicos.

Implicações da Multipolaridade e da Nova Ordem Internacional

A ascensão da China e as respostas das potências globais sugerem um movimento em direção a uma nova ordem multipolar, onde diferentes blocos e potências influenciam a configuração do sistema internacional. Acharya (2014) argumenta que o modelo de multipolaridade oferece um equilíbrio entre as potências e evita o domínio de um único ator, promovendo uma ordem mais distribuída e colaborativa. Contudo, Allison (2017) alerta para o “Dilema de Tucídides”, segundo o qual uma potência em ascensão traz consigo uma ênfase com uma potência dominante, levando potencialmente a conflitos. A relação EUA-China é frequentemente evidenciada sob essa lente, onde a ascensão da China cria uma tensão estrutural com os EUA, que veem o seu estatuto ameaçado.

A literatura sobre a multipolaridade destaca que, para manter a estabilidade global, é necessário que as potências adotem

estratégias de contenção equilibradas e promovam o diálogo multilateral. Ikenberry (2018) argumenta que o desafio da ordem internacional é adaptar-se a um contexto onde a China representa uma liderança não-ocidental, mas que busca moldar um sistema baseado em relações econômicas pragmáticas e cooperação seletiva. Como resultado, a ascensão da China não apenas desafia a hegemonia ocidental, mas também redefine o conceito de poder e liderança no sistema internacional.

METODOLOGIA

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, com base na análise documental de fontes secundárias, incluindo literatura acadêmica, relatórios de think tanks e publicações governamentais. Uma metodologia qualitativa foi escolhida para permitir uma compreensão aprofundada do conteúdo e do contexto das estratégias de desenvolvimento e expansão da China, bem como das reações das potências globais a estas dinâmicas. A análise documental centrou-se em examinar as principais políticas e iniciativas promovidas pela China, com destaque para a Iniciativa do Cinturão e Rota Belt and Road Initiative (BRI). Além disso, foram consultados estudos sobre as dinâmicas regionais em áreas estratégicas, como a Ásia-Pacífico, a África e a América

Latina, onde a influência chinesa provocou alterações significativas no equilíbrio de poder.

A selecção das fontes documentais baseia-se em critérios de relevância e relevância, incluindo artigos publicados em revistas acadêmicas de referência, relatórios de organizações internacionais e documentos oficiais. Estes materiais foram avaliados de forma sistemática para identificar tendências, estratégias e impactos associados à ascensão da China no sistema internacional. A abordagem qualitativa também incluiu uma análise crítica das reações de outras potências globais, como os Estados Unidos e a União Europeia, às estratégias de expansão da China. Este método permitiu a exploração não apenas das dinâmicas econômicas e geopolíticas, mas também dos aspectos normativos que envolvem a transição para uma ordem internacional multipolar.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

A ascensão da China no sistema internacional e suas estratégias de expansão desafiam profundamente a estrutura geopolítica tradicional, com implicações significativas para o equilíbrio de poder global e a política externa de diversas potências. Este capítulo explora as principais dimensões dessa ascensão, considerando o modelo de desenvolvimento interno da China, a

diplomacia económica da Iniciativa do Cinturão e Rota (Belt and Road Initiative - BRI) e as respostas das principais potências globais, como os Estados Unidos e a União Europeia . A análise e discussão aqui desenvolvida não apenas conectam as teorias da literatura com os dados obtidos, mas também oferecem uma reflexão crítica sobre o impacto dessa transformação geopolítica.

Modelo de desenvolvimento interno e ascensão da China

O modelo de desenvolvimento interno da China é frequentemente citado como um dos pilares fundamentais que sustentaram sua rápida ascensão no cenário global. Este modelo combina características de uma economia de mercado com um forte controle estatal, criando uma abordagem híbrida que difere significativamente do modelo neoliberal promovido pelas democracias ocidentais. Autores como Shambaugh (2013) e Mearsheimer (2010) apontam que a capacidade do Partido Comunista Chinês (PCC) de centralizar decisões estratégicas e planejar a longo prazo tem permitido ao país alcançar a estabilidade econômica e expandir setores essenciais, como a tecnologia, a indústria pesada e a defesa.

Além disso, a política de reforma e abertura, liderada por Deng Xiaoping, não só transformou a China numa das maiores

economias industriais do mundo, como também desafiou a ideia de que apenas uma política de liberalização poderia contribuir para o crescimento econômico sustentável. Huang (2008) refere que o “socialismo com características chinesas” apresenta uma alternativa ao modelo de desenvolvimento neoliberal, ao enfatizar a gradualidade nas reformas econômicas e ao priorizar a estabilidade social acima de tudo.

No entanto, este modelo não é isento de limitações. O controle estatal excessivo, embora garanta estabilidade no curto prazo, pode sufocar a inovação e encorajar a competitividade entre os setores econômicos. Peerenboom (2007) alerta para o fato de que uma centralização excessiva pode aumentar os riscos de corrupção, criar ineficiências administrativas e limitar o papel do setor privado na geração de novas tecnologias. Além disso, a dependência de setores estatais estratégicos torna a economia vulnerável a flutuações externas, especialmente no contexto de prejuízo comercial com potências como os Estados Unidos.

Por outro lado, o modelo chinês apresenta lições importantes para países em desenvolvimento. Ele demonstra que é possível alcançar um crescimento econômico robusto sem adotar reformas políticas imediatas, uma perspectiva atrativa para

governos que enfrentam pressões internas e externas. Este debate é central para a compreensão de como a China conseguiu consolidar-se como uma potência económica global num período relativamente curto, ao mesmo tempo que propõe um modelo alternativo ao paradigma ocidental de governança.

Expansão internacional e Iniciativa do Cinturão e Rota (BRI)

A Iniciativa do Cinturão e Rota (BRI), lançada em 2013, é amplamente considerada uma das mais ambiciosas estratégias de diplomacia económica do século XXI. Esta iniciativa visa criar uma rede de infra-estruturas e comércio que liga a Ásia, a Europa e a África, promovendo uma integração económica em larga escala. Rolland (2017) sugere que a BRI vai além de um simples projeto de desenvolvimento económico: trata-se de uma estratégia geopolítica que consolida a influência chinesa em regiões estratégicas e reposiciona o país como um ator indispensável nas relações internacionais.

Uma das principais críticas à BRI é a chamada “diplomacia da dívida”, que ocorre quando países receptores de investimentos chineses enfrentam dificuldades para honrar os seus compromissos financeiros. Este fenómeno é particularmente evidente em

países com economias frágeis, como o Sri Lanka, onde a incapacidade de pagamento levou o governo a conceder à China o controlo de portos estratégicos, como o de Hambantota. Brautigam (2011) argumenta que, embora esta estratégia amplie a influência política da China, ela também cria tensões nas relações bilaterais, especialmente em regiões onde os governos locais enfrentam críticas para ceder a soberania económica.

Por outro lado, a BRI também é vista como uma alternativa ao sistema ocidental de financiamento, frequentemente associada a condicionalidades políticas e económicas. Callahan (2016) destaca que a flexibilidade oferecida pela China, ao não exigir reformas políticas em troca de financiamento, torna a BRI atraente para países em desenvolvimento que buscam expandir suas infra-estruturas sem interferências externas. Este aspecto reforça o soft power chinês, apresentando o país como um parceiro global que respeita as especificidades locais e promove o desenvolvimento de forma pragmática. Além disso, a BRI contribuiu para a integração económica regional, para facilitar o comércio transfronteiriço e criar novos corredores de transporte que restringem custos logísticos. No entanto, as questões ambientais e sociais mantêm uma preocupação significativa, especialmente em projectos de grande escala

que afectam os ecossistemas locais e as comunidades vulneráveis.

Impactos regionais e ameaças à hegemonia dos EUA

A presença crescente da China em regiões como Ásia-Pacífico, África e América Latina representa uma ameaça direta à hegemonia dos Estados Unidos e à ordem internacional tradicionalmente iniciada pelo Ocidente. Na Ásia-Pacífico, a China expandiu sua presença militar e aumentou suas reivindicações territoriais no Mar do Sul da China, uma área com importância geopolítica estratégica devido às suas rotas comerciais. Segundo Mearsheimer (2010), a China adota uma política de “ofensiva regional” para contestar a presença militar dos Estados Unidos e consolidar sua influência sobre a região. Essa postura levou a uma escalada de esforço com países vizinhos, como Japão, Vietnã e Filipinas, que têm disputas territoriais com a China e recorrem ao apoio dos EUA como contrapeso à expansão chinesa.

Essa situação ilustra um novo tipo de confronto indireto entre a China e os Estados Unidos, onde ambos buscam fortalecer sua posição na região sem recorrer a confrontos diretos. A resposta dos EUA inclui aumentar sua presença militar no Indo-Pacífico e estabelecer parcerias estratégicas com países que abordam questões com o avanço da

China. No entanto, esse equilíbrio é frágil, uma vez que a ascensão da China desafia a hegemonia dos EUA não apenas militarmente, mas também através de parcerias económicas. A Ásia-Pacífico, tradicionalmente influenciada pelos EUA, torna-se uma arena de competição intensa, onde a China busca expandir sua presença enquanto os EUA tentam manter seu domínio.

Na África, a China tornou-se o maior parceiro comercial do continente, com investimentos significativos em infraestrutura, energia e mineração. Alden (2007) observa que a influência da China na África representa um novo modelo de parceria, que é menos intrusivo em termos de soberania e que privilegia o desenvolvimento económico. Esse tipo de cooperação é atraente para governos africanos que buscam financiamento para seus projetos sem a necessidade de adotar as reformas utilizadas pelo Ocidente. Como resultado, a China ganha acesso a recursos estratégicos, fortalece laços comerciais e constrói uma base de apoio político entre os países africanos.

Na América Latina, o investimento chinês também desafia a influência dos EUA, especialmente em setores estratégicos como energia e infraestrutura. Gallagher e Porzecanski (2010) analisam o impacto dos

investimentos chineses na região, observando que o envolvimento da China cria uma opção para os governos latino-americanos diversificarem suas parcerias econômicas e reduzirem a dependência dos EUA. A presença da China na América Latina demonstra uma mudança nas dinâmicas regionais, com implicações de longo prazo para as relações entre os países latino-americanos e os EUA. Essa presença chinesa altera o equilíbrio de poder e oferece aos países da região uma alternativa ao modelo de cooperação oferecido pelos EUA, que tem historicamente dominado a economia e a política da América Latina.

Respostas das potências Ocidentais e a multipolaridade emergente

As respostas dos Estados Unidos e da União Europeia refletem as diferentes abordagens que as potências ocidentais adotam para conter a ascensão chinesa. Nos EUA, a resposta é descrita pela “Competição Estratégica”, uma abordagem que combina contenção militar e restrições econômicas. Friedberg (2011) argumenta que a expansão da China representa uma ameaça ao status de superpotência dos EUA, e, por isso, os EUA têm medidas adotadas para limitar o acesso chinês a tecnologias sensíveis e fortalecer alianças militares na região do Indo-Pacífico. A administração Trump, por exemplo,

implementou uma série de tarifas e avaliações contra a China, tentando prejudicar seu avanço econômico e tecnológico, enquanto a administração Biden mantém uma postura de contenção e questões estratégicas em áreas como tecnologia e defesa.

A União Europeia, por sua vez, adota uma postura mais equilibrada, cooperando economicamente com a China, mas impondo restrições em áreas como segurança cibernética e direitos humanos. Christensen e Maher (2017) discutem a visão europeia de que a China é simultaneamente um parceiro econômico e um rival sistêmico. Percebe-se que a postura ambivalente da UE reflete as complexidades da relação entre interesses econômicos e valores democráticos, já que muitos países europeus buscam oportunidades de crescimento econômico com a China, mas estão preocupados com a influência política e as práticas comerciais do poder asiático.

A ascensão da China e a resposta das potências ocidentais sinalizam uma transição para uma ordem multipolar, onde diferentes blocos e potências disputam a liderança global. Allison (2017) adverte para o “Dilema de Tucídides”, que sugere que uma potência emergente, como a China, gerará interferência com uma potência estabelecida, como os EUA, causando potencialmente

conflitos. Esse cenário multipolar reflete um sistema internacional em transformação, onde a China não apenas desafia a hegemonia ocidental, mas também redefine o conceito de poder e influência. Para mim, essa situação complexa exige um equilíbrio delicado, onde a cooperação e a contenção devem coexistir para evitar confrontos diretos e manter a estabilidade global.

Esta análise destaca que a ascensão da China redefine o equilíbrio geopolítico global e provoca uma série de estratégias estratégicas e adaptativas das potências globais. A China surge como uma alternativa viável ao modelo de desenvolvimento e cooperação ocidental, oferecendo opções que atraem países com necessidades de crescimento económico e infraestrutura, mas que também geram novas dinâmicas de dependência. A resposta das potências ocidentais revela uma tentativa de adaptação a uma ordem multipolar emergente, onde a China actua como um pólo de poder que desafia o domínio tradicional do Ocidente.

CONCLUSÃO

Este estudo analisa a ascensão da China como uma potência global e os impactos dessa transformação sobre a ordem geopolítica internacional, com um foco particular em

entender como essa ascensão afeta o equilíbrio de poder e as dinâmicas regionais. Uma análise, orientada para os objetivos e questões de pesquisa, revelou que a China desenvolveu uma combinação única de políticas internacionais e estratégias de expansão internacional, que transformaram o país num concorrente direto das potências ocidentais, especialmente dos Estados Unidos. A partir das reformas económicas de 1978, o modelo de “socialismo com características chinesas” permitiu um crescimento económico acelerado, colocando a China numa posição de desafiar a hegemonia ocidental e propondo alternativas ao modelo de desenvolvimento global baseado no liberalismo democrático. A ascensão da China no cenário global está fortemente ligada à sua política de diplomacia económica, destacada pela Iniciativa do Cinturão e Rota (Belt and Road Initiative - BRI), uma rede de investimentos em infraestrutura que conecta a Ásia, África e Europa. A BRI oferece uma alternativa ao sistema financeiro e comercial liderado pelo Ocidente, promovendo um modelo de cooperação económica que atrai países em desenvolvimento, especialmente aqueles que procuram evitar as condicionalidades ocorridas pelas instituições ocidentais. No entanto, essa diplomacia da infraestrutura, embora atrativa, também introduz novas dependências económicas, criando uma

relação complexa onde os países beneficiados enfrentam um dilema entre desenvolvimento e independência económica.

As repercussões geopolíticas da ascensão chinesa são profundas e variações conforme a região. Na Ásia-Pacífico, A China desafiou directamente a influência dos Estados Unidos, intensificando as disputas territoriais e a competição pela hegemonia na região. Em África, a China consolidou-se como principal parceira comercial e financiadora de infraestrutura, oferecendo uma alternativa ao modelo de ajuda ocidental e obtendo acesso a recursos estratégicos. Na América Latina, a presença crescente da China desafia a posição tradicional dos EUA, ampliando o leque de parceiros comerciais e de investimento para os países latino-americanos. Esse aumento da influência chinesa, portanto, representa uma transformação nas dinâmicas regionais, oferecendo alternativas de desenvolvimento, mas também criando novas zonas de dependência. As respostas das potências ocidentais, particularmente dos Estados Unidos e da União Europeia, evidenciam o impacto da ascensão chinesa sobre o sistema internacional. Os EUA adotam uma estratégia de “Competição Estratégica” que combina contenção militar e restrições económicas, buscando limitar o acesso da China a tecnologias avançadas e fortalecer alianças na região do Indo-Pacífico. A União Europeia,

embora menos confrontativa, adota uma abordagem mista, cooperando economicamente com a China, mas criticando-a em temas como direitos humanos e segurança cibernética. Estas respostas ocidentais refletem a transição para uma ordem multipolar, onde as potências globais precisam ajustar as suas políticas para enfrentar uma China que oferece um modelo alternativo de desenvolvimento e influência global.

À luz dos objetivos e das questões de pesquisa, conclui-se que a ascensão da China representa não apenas uma transformação económica, mas também uma mudança estrutural no sistema internacional. A influência crescente da China redefine o equilíbrio de poder global, desafiando a hegemonia ocidental e propondo uma nova forma de cooperação e desenvolvimento que atrai muitos países. Contudo, a expansão chinesa traz consigo implicações complexas, criando dependências económicas e introduzindo um novo cenário de competição estratégica que exige adaptação por parte das potências determinantes.

Este estudo sugere que, para manter a estabilidade global, será necessário que as principais potências adotem estratégias de cooperação e contenção equilibradas, onde interesses de segurança coexistam com

oportunidades de parceria económica. A ascensão da China é um fator central na transição para um sistema multipolar, onde as relações internacionais são moldadas por uma dinâmica de competição e cooperação. Dessa forma, os impactos dessa transformação continuarão a influenciar a geopolítica mundial, exigindo estratégias adaptativas que considerem como realidades de uma ordem internacional cada vez mais complexa e interdependente.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Acharya, A. (2014). *O Fim da Ordem Mundial Americana*. Polity Press.
- Alden, C. (2007). *China na África: Parceira, Competidora ou Hegemônica?* Zed Books.
- Alden, C., & Large, D. (2018). *Novas Direções em Estudos África-China*. Routledge.
- Allison, G. (2017). *Destined for War: América e China podem escapar da armadilha de Tucídides?* Houghton Mifflin Harcourt.
- Brautigam, D. (2011). *O presente do dragão: a verdadeira história da China na África*. Oxford University Press.
- Callahan, WA (2016). Iniciativa Cinturão e Rota da China e a Nova Ordem Eurasiática. *Asia Policy*, 24, 71-79.
- Chin, GT (2016). Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura: Inovação e Perspectivas de Governança. *Governança Global*, 22 (1), 11-26.
- Christensen, TJ, & Maher, R. (2017). A ascensão da China: desafios e oportunidades estratégicas. *Segurança Internacional*, 41 (2), 23-37.
- Friedberg, AL (2011). *Uma disputa pela supremacia: China, América e a luta pela maestria na Ásia*. WW Norton & Company.
- Gallagher, KP, & Porzecanski, R. (2010). *O Dragão na Sala: China e o Futuro da Industrialização Latino-Americana*. Stanford University Press.
- Huang, Y. (2008). *Capitalismo com características chinesas: empreendedorismo e o Estado*. Cambridge University Press.
- Jenkins, R. (2019). *Como a China está remodelando a economia global: impactos do desenvolvimento na África e na América Latina*. Oxford University Press.
- Mearsheimer, JJ (2010). A tempestade que se aproxima: o desafio da China ao poder dos EUA na Ásia. *The Chinese Journal of International Politics*, 3(4), 381-396.
- Peerenboom, RP (2007). *China Moderniza: Ameaça ao Ocidente ou Modelo para o Resto?* Oxford
- Rolland, N. (2017). *O século eurasiático da China? Implicações políticas e estratégicas da Iniciativa Cinturão e Rota*. National Bureau
- Shambaugh, D. (2013). *China se torna global: o poder parcial*. Oxford University Press.
- Vogel, EF (2011). *Deng Xiaoping e a Transformação da China*. Harvard